Proletários de todos os países, uní-vos!

A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO DO COMITÊ CENTRAL DO P.C. DO BRASIL

1972 — MAIOR IMPULSO À LUTA CONTRA A DITADURA

Importante lugar na vida do povo brasileiro e de tôda a Humanidade está chamado a ocupar o ano que ora se inicia. Nos mais diferentes países, o limiar de 1972 defronta-se com um quadro em que se verificam choques sociais de grande envergadura. O mundo é cenário de guerras, de conflitos nacionais e de aguda luta de classes. E o capitalismo, minado por contradições irreconciliáveis, debate-se em uma crise profunda e multilateral que corrói seus alicerces já seriamente abalados. Por mais que se esforcem, os imperialistas mostram-se incapazes, tanto na esfera política como no terreno economico, de resolver os problemas cruciais de seu iníquo sistema. Igualmente, o revisionismo contemporâneo, capitaneado pelos social-imperialistas soviéticos, vê-se a braços com dificuldades sem conta e caminha, juntamente com seus cúmplices norte-americanos, para a derrocada final. Em tôda parte, avança a revolução.

Nesta situação internacional bastante favorável às fôrças do progresso, da democracia e do socialismo, as massas populares do Brasil veem findar o ano. Vivendo sob o guante de feroz ditadura militar, não se deixam abater, não se conformam com a opressão a que estão submetidas e mostram sua disposição de se livrar, através da luta, da tirania e da exploração.

Nunca o povo brasileiro enfrentou tantas vicissitudes. Mil novecentos e setenta e um foi para êle um ano de dificuldades e provações. Os militares no Poder, usando inescrupulosamente todos os meios de propaganda, apregoam com o maior cinismo que o país passa a melhor fase de sua existencia e que as massas gozam de felicidade e bem-estar.

No entanto, a realidade é bem outra. Não adianta manipular estatísticas falsas e distorcidas como faz a ditadura. Os fatos são por demais convincentes. A política economico-financeira dos generais só tem beneficiado poderosos trustes estrangeiros, os magnatas nacionais e os grandes fazendeiros. À medida que o governo de Médici, cheio de empáfia, anuncia o crescimento do chamado produto nacional bruto, mais se elevam os índices de custo de vida, mais se acentua a miséria dos trabalhadores das cidades e do campo. Hoje, o homem do povo tem que trabalhar duas vêzes mais do que em 1964 para comprar a mesma quantidade de produtos indispensáveis à sua subsistência.

Sob a ditadura militar, a nação está cada vez mais dependente dos ditames de Washington. O tão propalado "desenvolvimento economico" corresponde a entrega sempre maior das riquezas nacionais e dos ramos fundamentais da economia aos grandes monopólios dos Estados Unidos e de outros paises imperialistas. Por sua vez, o título de "grande potencia" que, no encontro com seu comparsa e lacaio Medici, Nixon

(Continua)

NESTE NÚMERO:

1972 — Maior Impulso... (Continuação da 1ª página)

desavergonhadamente atribuiu ao Brasil, significa apenas o desejo dos imperialistas ianques de transformar o país em gendarme da reação na América Latina. Mas, se os generais se aprestam gostosamente para desempenhar êsse infame papel, o povo jamais permitirá que o Brasil seja algoz das massas oprimidas latino-americanas em sua luta pela democracia e a emancipação nacional.

Para todos os patriotas e democratas, os dias e meses de 1971 representaram mais terror policial e completa ausência de liberdade. A ditadura militar conseguiu se superar nos crimes e violências. Impera no país um regime discricionário e absolutista. Permanece intocável o AI-5, que vem sendo aplicado contra os opositores da ditadura. Prisões, condenações a longas penas, torturas e assassinatos são características do atual regime dos militares.

No curso de 1971, a ditadura revelou, não só maior impopularidade, como também as contradições que a minam internamente. Dia a dia, estreita-se sua base social e política, enquanto os diferentes grupos militares reacionários se digladiam pelo contrôle da máquina estatal. A demissão do ministro da Aeronáutica, conhecido reacionário e fascista, e a substituição dos principais comandos de grandes unidades e serviços da FAB dão bem uma idéia das disputas que se verificam entre os que sustentam a ditadura. São igualmente significativas a renúncia imposta ao governador do Paraná e as ameaças que pesam sôbre governadores de outros Estados. Aparentando solidez, o regime dos militares, na realidade, está carcomido por divergências de tôda natureza.

O ano de 1971 revelou também que a ditadura encontra firme resistência das massas populares que, sob a liderança dos comunistas, não se entregam e persistem na luta. É crescente o descontentamento popular com a presente situação. Crescem as ações revolucionárias e novos setores sociais incorporam-se ao combate contra o poder dos generais. Quanto mais os militares se desmandam em suas arbitrariedades, tanto mais se desenvolve e se forja o movimento democrático e antiimperialista, mais o povo sente a necessidade da luta armada, da guerra popular, para por fim a tirania e instaurar um poder verdadeiramente do povo, um governo popular-revolucionário.

Neste início de 1972, descortinam-se, assim, para os brasileiros verdadeiramente patriotas, melhores perspectivas para dar um vigoroso impulso a sua luta contra a ditadura militar-fascista. Amadurecem rapidamente as condições para tornar uma realidade a guerra popular, fazer avançar a revolução democrática e nacional. Tudo indica que o povo se lançará em importantes batalhas e alcançará brilhantes vitórias.

O Partido Comunista do Brasil, que desde a sua reorganização, há cêrca de 10 anos, empunha, firmemente, a bandeira revolucionária, ingressa no ano novo mais forte, mais consciente de seu papel, mais coeso, mais aguerrido para ocupar o posto que lhe compete na preparação, desencadeamento e consolidação da guerra popular.

CONFERÊNCIA DOS COMUNISTAS DA REGIÃO LESTE

Realizou-se, no mês de novembro, a Conferência da Região Leste do Partido Comunista do Brasil, que debateu importantes problemas políticos e organizativos e elegeu o novo Comitê Regional. Os debates se centralizaram em tôrno do documento do Comitê Regional intitulado: "Revolucionarizar o Partido Para Colocá-lo à Altura de Sua Missão e de Suas Tarefas". A Conferência representou uma poderosa demonstração de unidade em tôrno da linha política do partido e do Comitê Central.

No final de seus trabalhos, os participantes da Conferência aprovaram, por unanimidade, uma saudação endereçada ao Comitê Central reafirmando seu apoio à orientação política e a sua disposição de tudo fazer para preparar e desencadear a guerra popular. Depois de se referir aos êxitos do Partido na Região, a saudação diz: "Podeis ter a certeza, camaradas, de que, unido em tôrno do Comitê Central, o Partido nesta Região envidará novos e maiores esforços para colocar-se à altura de sua missão e de suas tarefas". Mais adiante acrescenta que o ano nôvo será um ano "de lutas, de dificuldades e de vitórias". E conclui: "Saímos desta Conferência fortalecidos em nossa unidade e em nossa vontade de lutar. Cumpriremos o nosso dever revolucionário. No ano do 50º aniversário da fundação de nosso Partido e do 10º aniversário de sua reorganização, novos combates nos esperam.

REVOLUCÃO TRUNCADA

A 1º de janeiro de 1959 triunfava em Cuba a revolução dirigida por Fidel Castro. Um pugilo de lutadores que se erguera de armas nas mãos em Sierra Maestra cresceu e converteu-se, na guerra de guerrilhas, em exército rebelde vitorioso. A ditadura sanguinária de Batista, sustentada durante longos anos pelos Estados Unidos, foi derrubada. Suas forças armadas, que tantos crimes haviam cometido contra o povo, se desintegraram sob os golpes vigorosos dos revolucionários cubanos. Deixavam para sempre de decidir dos destinos de Cuba os vendilhões da Pátria, que espesinhavam e humilhavam seu próprio país, transformando-o em colonia ianque, num imenso cassino e balneário de recreio dos magnatas norte-americanos. Surgia um regime diferente, apoiado por grandes massas e de caráter eminentemente popular.

O novo poder adotou medidas radicais para libertar a nação do domínio estadunidense e para acabar com o retrógrado sistema do latifúndio. Confiscou as grandes empresas e as usinas de açúcar de propriedade dos monopólios ianques. Realizou a reforma agrária, antiga aspiração dos camponeses, e fez a reforma urbana, liquidando a especulação imobiliária. Assegurou liberdades para as massas, castigou os inimigos do povo.

No plano internacional, os revolucionários cubanos procuraram identificar-se com todos os combatentes antiimperialistas da América Latina, solidarizando-se com a sua luta. A II Declaração de Havana, enérgico e expressivo chamamento de combate aos povos oprimidos do Continente, alcançou larga ressonancia.

O exemplo da Revolução Cubana exerceu enorme influência na América Latina, despertando o espírito de luta de amplos setores sociais. Pela primeira vez, num país do Hemisfério, as forças populares derrotavam efetivamente as velhas oligarquias e abriam um caminho nôvo para a conquista da liberdade e da independência nacional. Começaram a despontar em distintos países ações revolucionárias, envolvendo particularmente a juventude que se voltava para a luta armada a fim de derrotar os opressores e conquistar uma vida feliz.

A Revolução Cubana foi, também, um rude golpe nas teses revisionistas. O êxito obtido por Fidel Castro e seus companheiros verificou-se precisamente no momento em que o revisionismo contemporâneo, em pleno auge, tratava de impingir o pretenso caminho pacífico da revolução. Os partidos que seguiam a orientação oportunista do PCUS defendiam então a solução parlamentar, pregavam as reformas e a colaboração com a burguesia, empenhavam-se em conseguir postos nos governos reacionários. Sua política foi posta em xeque com os acontecimentos ocorridos nas Caraíbas. Estabeleceu-se um nítido contraste entre a posição reformista e a posição revolucionária.

Por tudo isto, a Revolução Cubana desempenhou importante papel. Sua experiência precisava ser analisada à luz do marxismo-leninismo e seus ensinamentos generalizados. Esta generalização ajudaria a ver mais claramente os aspectos positivos e negativos da experiência cubana, contribuiria para evitar o unilateralismo na sua apreciação e serviria para educar as massas.

Indiscutivelmente, o exemplo cubano evidenciava o amadurecimento das condições para levar a cabo a revolução na América Latina. Punha por terra velhas teorias sôbre o processo revolucionário neste Continente. O Partido Socialista Popular de Cuba, por exemplo, defendia, naquela época, a tese de que Cuba seria um dos últimos países onde a revolução triunfaria devido a sua proximidade dos Estados Unidos. Outros partidos comunistas não acreditavam nas possibilidades de triunfo próximo da revolução e não lutavam efetivamente pelo Poder, mas apenas por conquistas parciais dentro dos quadros dos regimes vigentes.

Cuba, também, trazia, como elemento nôvo, a lição de que na América Latina a libertação não se daria, de um modo geral, pelo caminho tradicional da insurreição nas grandes cidades e, muito menos, pelos levantes de quartéis. Até então, os revolucionários julgavam que se fazia necessária uma profunda crise política de caráter nacional para desencadear a insurreição. A Revolução Cubana mostrou que isto não era indispensável. A América Latina atravessa uma crise crônica de estrutura. Existindo governos ultra-reacionários e ditatoriais, descontentamento popular generalizado e estado de espírito das massas em favor da revolução, é possível recorrer a luta armada no interior, começando por pequenos grupos guerrilheiros, estendendo a luta ao campo e às cidades, empolgando o povo e, enfim, levando a cabo a guerra popular. Ao contrário do que propalavam os revisionistas, a experiencia cubana reafirmou a validade do método da luta armada como único meio de assegurar a vitória da revolução e a conquista de um novo Poder.

Outro ensinamento da Revolução Cubana consistiu na amplitude com que se desenvolveu o processo revolucionário. O Movimento 26 de Julho soube erguer bandeiras que iam ao encontro dos sentimentos do povo e que permitiram despertar grandes massas e isolar, assim, o principal inimigo. A derrubada da ditadura e a conquista das liberdades constituíram as

Revolução Truncada (Continuação)

luta, sob a direção dos que empunhavam as armas. Esta amplitude visava à ação revolucionária, ao contrário da "amplitude" defendida pelos partidos revisionistas, que objetivava, não a revolução e sim a obtenção de reformas. A frente única por êles preconizada incluía os reacionários mais empedernidos e estava sob a direção da burguesia. Deste modo, contribuíam, como ainda hoje o fazem, para enfraquecer o movimento revolucionário.

Com bastante fôrça, a Revolução Cubana pôs em destaque o papel da pequena burguesia urbana. Grande parte desta camada social participou ativamente na revolução, demonstrou enorme combatividade e ardor patriótico. Os principais dirigentes revolucionários vieram da pequena burguesia. Tal fenômeno se deve principalmente ao caráter nacional e democrático da atual etapa da revolução e às particularidades da formação histórica das nações do Continente. Êste potencial revolucionário — a pequena burguesia urbana — em certa medida, era subestimado por muitos partidos comunistas que, imbuídos de ideias não-proletárias, adotavam posições sectárias em relação àquele setor da população.

Enfim, a Revolução Cubana, alcançando a vitória, fêz ressaltar sérias tendências oportunistas que se manifestavam nos partidos comunistas. Êstes foram, em geral, surpreendidos pelo êxito do Movimento 26 de Julho. Naquela ocasião, nenhum partido comunista, na América Latina, tomava a iniciativa da luta armada pelo Poder. Estavam atolados no lodaçal do revisionismo. A vitória do povo cubano exigia dos partidos comunistas um reexame de sua orientação e atividade para buscar o caminho correto da revolução em seus países. Mas não o fizeram. Somente os elementos fiéis ao marxismo-leninismo aprenderam com o exemplo cubano e dêle tiraram as devidas lições.

Os ensinamentos que a Revolução Cubana trouxe muito poderiam ajudar o avanço do movimento revolucionário no Hemisfério. Mas foram desprezados pelos partidos revisionistas. Por sua vez, os dirigentes cubanos tiraram conclusões errôneas de sua experiência. Interpretaram os acontecimentos do ponto-de-vista de sua concepção político-ideológica pequeno-burguesa. Confundiram seus desejos com a realidade objetiva. Caíram no subjetivismo. Exageraram a verdade. Lenin já dizia que "tôda verdade, se a 'exorbitamos', se a exageramos e a estendemos além dos limites em que ela é realmente aplicável, pode ser levada ao absurdo e, nessas condições, ela própria se transforma num absurdo".

Partindo do fato de que a Revolução Cubana provara que estavam maduras as condições para realizar com êxito a luta revolucionária, os dirigentes cubanos concluíram que os regimes existentes na América Latina não tinham mais condições de se defender e que bastava um simples empurrão para derrubá-los. Nem sequer levava em conta a circunstância de que o imperialismo norte-americano e a reação tinham sido alertados com o que acontecera em Cuba e tomado suas medidas de precaução. Desta forma, arrastaram revolucionários à aventura, incutiam a ideia da vitória fácil. Negligenciavam a preparação política e militar, indispensável mesmo nas condições mais favoráveis.

Partindo do fato de que a revolução em seu país fôra iniciada por pequenos grupos armados, os dirigentes cubanos concluíram que não era necessário trabalhar arduamente para forjar, numa luta prolongada, um exército popular, ganhar as massas e realizar uma política de conteúdo nacional e democrático. Era suficiente um reduzido grupo de revolucionários, separado das massas, levando a cabo atos de repercussão nas cidades ou atuando nas montanhas, para conduzir a revolução à vitória. Gerou-se, dessa maneira, a "teoria do foco" que nada tem a ver com a verdadeira guerra popular. Êles repetiam o êrro dos populistas russos do século passado que enalteciam os heróis como a única fôrça ativa, levando atrás de si as multidões passivas.

Partindo do fato de que a Revolução Cubana se tornara vitoriosa com bandeiras amplas e evoluíra rapidamente para posições antiimperialistas, chegando mesmo a proclamar-se socialista, os dirigentes cubanos concluíram que a revolução na América Latina, desde o início, tinha cunho socialista, e foram mais longe ainda, afirmando que se tratava de uma revolução continental única. Deste modo, negavam a realidade concreta de cada país, faziam caso omisso do domínio imperialista e das sobrevivências feudais que determinam as tarefas nacionais e democráticas da revolução em sua primeira fase. Assumiam posições "esquerdistas", saltando uma etapa indispensável da revolução. Também não levavam em consideração as peculiaridades nacionais e que a revolução é obra de cada povo.

Partindo do fato de que a Revolução Cubana pusera em relêvo o papel revolucionário desempenhado pela pequena burguesia urbana, os dirigentes cubanos chegaram à peregrina conclusão de que esta camada social é a principal fôrça a ser mobilizada e que a ela cabe a direção do movimento revolucionário. Na prática, êles assim agiram, reconhecendo em tôda parte como núcleo dirigente os grupos pequeno-burgueses. Subestimaram o proletariado e as massas camponesas. Não há dúvida que à pequena burguesia na América Latina cabe um lugar importante na revolução, mas não a direção do movimento. Como os acontecimentos no Brasil

fim. Só a classe operária e o seu partido de vanguarda podem-lhe imprimir uma direção firme e conseqüente.

Partindo do fato de que a Revolução Cubana fizera patente sérias manifestações de oportunismo nos partidos comunistas, os dirigentes cubanos concluíram apressadamente não ser necessário o partido do proletariado para dirigir a revolução. O Partido estaria superado e constituiria um entrave. O importante seria a organização política saída da guerrilha. A ela caberia a função dirigente. É óbvio que os partidos oportunistas não podem dirigir a revolução. Mas isto não nega a necessidade da existência do partido de vanguarda do proletariado, sem o qual é impossível conduzir com êxito e até o fim o movimento revolucionário. Unicamente os verdadeiros partidos marxistas-leninistas têm condições de orientar com justeza a revolução em todo o seu curso e em tôdas as suas etapas, possuem clareza teórica e não perdem o rumo.

Assim, exagerando a verdade, os dirigentes cubanos criaram tôda uma teoria falsa no terreno político, militar e organizativo — o chamado foquismo — divorciada da realidade objetiva e oposta ao marxismo-leninismo. Transformaram aquilo que era verdade na Revolução Cubana num absurdo. Esta teoria, levada à prática, teria que conduzir, como de fato conduziu, a sérios fracassos e causou grandes prejuízos. Aí estão os exemplos da Venezuela, Bolívia, Peru, Colombia, Argentina e, também, do Brasil.

As derrotas sofridas com a prática do foquismo levaram Fidel Castro e seus companheiros a adotar novas e errôneas posições políticas. Aplaudiram o reformismo que, anteriormente, tanto malsinavam. Jogaram fora a II Declaração de Havana. Voltaram a aliar-se com os partidos revisionistas. E não ficaram só nisso. Passaram a exaltar de maneira entusiástica os generais peruanos e bolivianos, uns e outros com as mãos tintas de sangue dos guerrilheiros que procuraram, através do foquismo, a libertação de seus países. O regime demagógico de Alvarado no Peru tornou-se para os fidelistas "uma autêntica revolução". Para eles também é uma verdadeira revolução o que ocorre no Chile, sob o govêrno de Allende, onde as fôrças armadas, a polícia e os tribunais, a serviço dos exploradores, continuam intactos. Estreitaram mais ainda suas ligações com os revisionistas soviéticos, não tiveram o pudor em juntar-se aos que invadiram a Checoslováquia e estão conluiados com os imperialistas americanos, aos quais os dirigentes cubanos tanto atacam.

Atualmente, Fidel Castro posa de terceira posição, assumindo, na arena internacional, típica atitude centrista. Mantém-se ao lado dos revisionistas e, ao mesmo tempo, diz apoiar a luta revolucionária dos povos. Mas sua conduta reforça principalmente o campo revisionista e as correntes reformistas na América Latina. Na sua recente visita ao Chile, fez declarações de que nesse país se constrói o socialismo, declarações contrárias à realidade e que só servem para fortalecer os revisionistas chilenos. É certo que os dirigentes cubanos atacam os imperialistas norte-americanos. Neste aspecto, unem-se às demais fôrças antiimperialistas. No entanto, sua orientação geral não tem conseqüência, uma vez que eles se aliam aos soviéticos, cúmplices dos Estados Unidos na tentativa de dominar o mundo, e apoiam sem reservas os que tentam entravar a marcha da revolução com soluções ilusórias ou reformistas.

Também na frente interna houve retrocesso da Revolução Cubana. Sem contar com um verdadeiro partido marxista-leninista que garantisse uma orientação correta na construção da nova sociedade, Fidel Castro e seus companheiros, depois dos primeiros êxitos, ficaram desarvorados diante das dificuldades. Cuba não foi capaz de seguir um caminho independente e de construir as bases materiais do socialismo. Aproximando-se cada vez mais dos revisionistas soviéticos e ficando sob sua dependência econômica, caiu, como alguns países da Europa Oriental, na órbita do social-imperialismo. Retornou, a conselho dos soviéticos, à monocultura, própria das economias semi-coloniais, dedicando-se à produção açucareira, o que a amarra mais ainda ao jugo desse imperialismo.

É evidente que a Revolução Cubana, iniciada tão auspiciosamente e que suscitou tanto entusiasmo entre os oprimidos da América Latina, se desviou de rumo e acabou truncada. Faltou-lhe uma direção proletária. Ainda que um pequeno país, Cuba podia, sob direção correta, marxista-leninista, desenvolver harmonicamente, apoiada nas próprias fôrças, uma economia multilateral, criando indústrias de base, expandindo a indústria leve e diversificando a agricultura coletivizada, único meio de assegurar sua verdadeira independência. Desta forma seria possível consolidar as conquistas da revolução e avançar no sentido do socialismo.

Os comunistas brasileiros, ao analisar os lados positivos e negativos do caminho percorrido por Fidel Castro e seus companheiros, têm em vista, fundamentalmente, aprender com a experiência da revolução em Cuba a fim de melhor orientar o povo na luta por sua emancipação nacional e social. Neste sentido, continuam fiéis ao espírito da II Declaração de Havana, cujo apêlo valorizam grandemente. Combatem erros e desvios dos dirigentes cubanos, mas consideram seu dever condenar qualquer pressão norte-americana contra Cuba e prestar toda a solidariedade ao seu povo no caso de um ataque dos Estados Unidos. Alimentam a esperança de que as massas trabalhadoras cubanas acabarão encontrando a rota segura para levar adiante a revolução que, neste mês, completa seu 13º aniversário.

DECLARAÇÃO DOS PCs DO BRASIL E DA ITÁLIA (M-L)

As delegações do PC do Brasil e do PC da Itália (m-l), que assistiram ao VI Congresso do PTA, mantiveram cordial e amistosa troca de opiniões sobre a situação internacional, sobre problemas relacionados com a unidade do movimento marxista-leninista e sobre questões comuns aos dois partidos. Constataram que há completa unidade de pontos-de-vista em torno das questões debatidas.

O PC da Itália (m-l) e o PC do Brasil consideram que o movimento revolucionário mundial e a atividade dos marxistas-leninistas avançam a passos agigantados enquanto o sistema capitalista, encabeçado pelos Estados Unidos, e o social-imperialismo, liderado pela camarilha revisionista soviética, enfrentam grave crise nas esferas ideológica, política, econômica e militar. Os dois partidos coincidem em que é necessário empenhar maiores esforços para desenvolver a luta em seus respectivos países, a fim de que os povos italiano e brasileiro, ligados por vínculos fraternais e tradições revolucionárias comuns, deem contribuições ainda maiores à grande frente única mundial contra o imperialismo, o social-imperialismo e a reação.

O PC da Itália (m-l) manifesta sua ativa solidariedade ao bravo povo brasileiro que combate a ditadura militar fascista e o imperialismo norte-americano. Valoriza altamente a luta e as experiencias dos marxistas-leninistas brasileiros contra o revisionismo contemporâneo e a camarilha oportunista de Prestes. Expressa a satisfação dos comunistas italianos pelos grandes êxitos obtidos pelos comunistas brasileiros na construção ideológica, política e orgânica da vanguarda da classe operária do Brasil. Apóia os esforços heróicos do PC do Brasil, que atua nas duras condições de clandestinidade e de perseguições, para levantar o povo brasileiro contra os militares fascistas e os imperialistas ianques e derrubá-los do Poder através da guerra popular.

O PC do Brasil expressa sua ativa solidariedade ao Partido Comunista da Itália (m-l), nos seus esforços para constituir-se cada vez mais na vanguarda proletária da classe operária e das massas populares italianas. É o continuador da causa revolucionária pela qual, em 1921, foi fundado o Partido Comunista da Itália. É o herdeiro dos ensinamentos de Antonio Gramsci, da luta clandestina antifascista, da heróica guerra de guerrilhas contra o fascismo e a ocupação nazista, das decisivas lutas dos trabalhadores italianos após a 2ª Guerra Mundial. O PC do Brasil toma conhecimento, com satisfação, do desenvolvimento político e orgânico do Partido irmão, dos seus esforços para dirigir as lutas operárias, camponesas e estudantis. O PC da Itália (m-l) bate-se decididamente contra a reação burguesa, contra o imperialismo norte-americano e suas bases militares, contra os dirigentes kruschovistas-togliattistas que têm no partido revisionista uma organização burocrática e um instrumento eleitoral para mendigar junto à burguesia a sua admissão no aparelho de Estado burguês. Nesta luta pela revolução proletária, o PC do Brasil está decididamente ao lado do combativo Partido Comunista da Itália (m-l).

Os dois partidos irmãos reafirmam que, para se conduzir a luta contra o imperialismo, é indispensável combater o revisionismo contemporâneo, desmascarar todas as suas manobras demagógicas para apagar a linha demarcatória entre os verdadeiros marxistas-leninistas e os revisionistas e oportunistas de todos os matizes.

O PC do Brasil e o PC da Itália (m-l) consideram indispensáveis o estreitamento dos laços de colaboração e o intercambio de experiencias entre os vários destacamentos de vanguarda da classe operária, à base da doutrina de Marx, Engels, Lenin e Stálin e dos princípios do internacionalismo proletário.

I CONGRESSO DA VANGUARDA COMUNISTA DA ARGENTINA

Por motivo da realização do I Congresso da Vanguarda Comunista da Argentina, o CC do PC do Brasil enviou à direção daquela organização a seguinte mensagem:

Ao Comitê Central da Vanguarda Comunista da Argentina. Prezados camaradas.

Com imensa satisfação, os marxistas-leninistas brasileiros saúdam calorosamente a realização vitoriosa do I Congresso da Vanguarda Comunista. Unidos por laços de sólida amizade a seus irmãos argentinos, acompanham atentamente as vigorosas e combativas lutas dos trabalhadores do país vizinho. O povo dessa nação irmã obtém importantes êxitos no combate à ditadura militar e aos imperialistas ianques. Nesta áspera luta, o papel mais destacado vem sendo desempenhado pelos comunistas.

O Partido Comunista do Brasil tem em alta conta a atividade desenvolvida pela Vanguarda Comunista, verdadeiro partido da classe operária, única força capaz de aplicar de forma criadora o marxismo-leninismo às condições concretas da Argentina, de desbaratar o revisionismo contemporâneo e de dirigir as massas populares na revolução nacional e democrática que descortinará o caminho do socialismo.

Os comunistas brasileiros estão certos de que a aprovação do Manifesto-Programa e dos Estatutos da Vanguarda Comunista representa importante passo para que essa organização exerça seu papel dirigente e obtenha novas e maiores vitórias.

Viva a Vanguarda Comunista da Argentina! Viva a amizade entre a Vanguarda Comunista da Argentina e o Partido Comunista do Brasil!

O Comitê Central do PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

BRILHANTE VITÓRIA DO MARXISMO-LENINISMO

Cláudio Pontes

Com grande entusiasmo revolucionário, a população de Tirana acolheu, de 1º a 7 de novembro, delegados de todos os recantos da Albânia. Naqueles dias, para a Capital dessa nação balcânica se voltava a atenção de milhões de comunistas e revolucionários de diferentes países. Realizava-se alí, o VI Congresso do Partido do Trabalho, acontecimento dos mais importantes do movimento comunista internacional nos últimos anos.

Em sua magna assembléia, os comunistas albaneses evidenciaram a indestrutível unidade do Partido em tôrno do seu Comitê Central — à cuja frente se encontra o destacado marxista-leninista Enver Hodja —, revelaram notáveis êxitos na construção socialista e mostraram grande amadurecimento como fôrça de vanguarda da revolução mundial. A presença de delegações de quase três dezenas de partidos marxistas-leninistas e as numerosas mensagens de saudação recebidas pelos congressistas são um testemunho do prestígio e autoridade adquiridos pelo PTA em todos os Continentes.

No intervalo de cinco anos, entre um e outro Congresso do Partido, o povo albanês, sob a clarividente direção dos comunistas, conquistou magníficas vitórias. Profundamente patriota, assegura a seu país a verdadeira independência. Amante do progresso, impulsiona o contínuo desenvolvimento econômico e a elevação do seu bem-estar. Orgulhoso de sua cultura milenar, eleva a ciência e as artes a novos e mais altos níveis. Inimigo da opressão, prepara-se conscienciosamente para defender, de armas nas mãos, as liberdades conquistadas sob o Poder popular. O camarada Enver Hodja, em seu informe ao Congresso, assinalou que "em tôdas as vitórias do povo albanês, conquistadas nos últimos trinta anos, está materializada a linha consequente e de princípios do PTA". E acrescentou: "Em sua base estão os vivos ensinamentos do marxismo-leninismo que nosso Partido aplicou de maneira criadora e defendeu firmemente".

Os delegados compareceram ao Congresso — como dizem os albaneses — "com as mãos cheias e a cabeça erguida". O IV Plano Quinquenal foi cumprido com indiscutível êxito. A produção nacional já satisfaz 70% das necessidades do consumo interno e a Albânia exporta seus produtos para mais de 40 países. Enquanto em 1938 a indústria não atingia 10% do conjunto do que era produzido, hoje representa mais da metade. Duzentas grandes obras, edificadas no último quinquênio, inclusive a hidroelétrica Mao Tsetung, inaugurada às vésperas do Congresso, asseguram o desenvolvimento ininterrupto e acelerado da economia albanesa.

Dados fornecidos pelo VI Congresso destacam que o nível de vida do povo eleva-se sem cessar. Apenas nos últimos cinco anos, a renda real da população aumentou em 17% em relação ao quinquênio anterior. Foram construídas mais de 73.000 residências, o que, nas condições de um país de pequena população como a Albânia, muito contribui para solucionar o problema da moradia. Cresce significativamente o número de estudantes. Quase um têrço da população frequenta a nova escola, que, gradualmente, vai combinando o ensino com o trabalho produtivo e a preparação militar.

Atualmente, graças à eletrificação total do país, à liquidação dos impostos diretos que incidiam sobre o povo, ao aumento da produção e às reservas alimentícias que garantem o pão a todos os albaneses moradores dos vales ou das montanhas, à gratuidade do ensino e da assistência médico-hospitalar, entre outras conquistas, a República Popular da Albânia, guardadas as proporções, situa-se entre as nações mais avançadas e progressistas do mundo, constitui um exemplo para todos os povos. Sob as cinzas da velha e atrasada Albânia, ergue-se a nova nação socialista. Apoiado nos grandes êxitos do IV Plano, o valente povo albanês vem pondo em prática o novo Plano Quinquenal, que desenvolverá a economia em maior grau, elevará o bem-estar material e cultural da população, reduzirá as diferenças essenciais entre o trabalho intelectual e o trabalho manual, entre a cidade e o campo, e fortalecerá o regime socialista e a capacidade defensiva do país. Visa o V Plano Quinquenal, aprovado no Congresso, fundamentalmente, transformar a Albânia num país industrial-agrário, baseado numa indústria moderna e numa agricultura desenvolvida e coletivizada.

O plano em execução prevê um desenvolvimento da economia num ritmo de 10,3% anuais, em comparação com os 9,8% do quinquênio findo. A produção global, em 1975, será quatro vezes maior que a de 1960. Desenvolver-se-á harmoniosamente a produção industrial, dando-se prioridade à indústria pesada, inclusive com o término do combinado siderúrgico de Elbasan. No final do quinquênio, a indústria produzirá 100 vêzes mais que em 1938 e terá um aumento de 1,6 vezes superior em comparação com 1970. Foram adotadas medidas para aperfeiçoar as relações de produção na cidade e no campo. Neste último, as inversões estatais básicas nas cooperativas agrícolas contribuirão para a transformação gradual do tipo de propriedade socialista de grupo em propriedade socialista de todo o povo. O campesinato , estimulado pelos resultados de tais providências, seguramente trabalhará mais e melhor em

Brilhante Vitória...(Coninuação da pág. anterior)

renda nacional de 9,5% anuais e da renda real em 17%, o aumento do número de estabelecimentos médico-sanitários em mais de 72% e do número de médicos em 58%, a construção de mais de 40 mil novas residências elevarão o nível de vida da população. No terreno da educação são previstas novas medidas. O número de estudantes deverá atingir, em 1975, 780 mil e serão formados, nos cinco anos, 3 vezes mais quadros qualificados que durante o último plano quinquenal.

A realização de um plano de tal envergadura, não pode ser examinado só em seus aspectos econômicos. Evidentemente, cabem medidas para melhorar a estrutura industrial e a base técnica da economia. Mas, o fortalecimento político e ideológico da sociedade socialista é o aspecto básico do novo Plano Quinquenal. A luta contra o burocratismo, principal perigo após a conquista do Poder político, teve particular atenção dos informantes e delegados. Os amplos debates travados em todo o país sôbre a reforma educacional, a eleição dos dirigentes dos vários órgãos estatais e a recente discussão do novo plano quinquenal, debates nos quais participaram centenas de milhares de pessoas, revelam que, na Albania socialista, se fortalece a ditadura do proletariado e os assuntos de Estado dizem respeito a todo o povo e não apenas aos dirigentes. Medidas tais como o contrôle operário, a revolucionarização e democratização constantes do Poder estatal, a emancipação da mulher e o esfôrço permanente para forjar o nôvo homem, livre do egoísmo, inteiramente dedicado ao interesse da coletividade, foram preconizadas com vigor. A experiência da União Soviética e dos outros países revisionistas, indica que é indispensável travar a todo momento a luta contra as concepções não-proletárias na mente dos indivíduos, realizar de forma contínua a revolução ideológica e colocar a educação, a cultura e a arte a serviço do socialismo e do povo.

Os comunistas albaneses têm bem presente que o primeiro passo, e também o decisivo, para a transformação da União Soviética em uma potência imperialista foi a degenerescência do partido do proletariado. Ao mesmo tempo, têm consciência — e sua experiência também o comprova — de que o retorno ao capitalismo não é inevitável, desde que o Partido saiba secar as fontes do revisionismo. Por isso, tomam tôdas as medidas para fortalecer, renovar e revolucionarizar constantemente o PTA. O VI Congresso foi uma demonstração viva de tal preocupação. Entre os 860 delegados que representavam os 86 mil membros e candidatos a membro do Partido, 536 participavam pela primeira vez de uma reunião de tal magnitude. O próprio Comitê Central eleito pelo Congresso inclui, ao lado de velhos e experimentados dirigentes, camaradas jovens que aprendem dos mais antigos e trazem seu impulso revolucionário. Êstes fatos significam que o Partido está se renovando. Pela primeira vez na sua história, o PTA tem em suas fileiras uma sólida maioria de militantes oriunda da classe operária, o que serve para reforçar sua firmeza ideológica e seu espírito proletário. "A composição proletária e a qualidade dos comunistas — indica o camarada Enver Hodja — são as condições fundamentais para que o Partido se mantenha sempre revolucionário". A luta para ativar a vida interna das organizações partidárias e estimular sua iniciativa, para combater o burocratismo através da rotatividade dos quadros, a melhoria da composição social das direções e o trabalho produtivo dá seus frutos. E prosseguirá firmemente a fim de manter o Partido sempre jovem e combativo, como inspirador, guia e organizador de tôdas as vitórias do povo albanês.

O informe do camarada Enver Hodja em nome do Comitê Central foi uma reafirmação de que o PTA se mantém fiel ao seu passado de lutas, à doutrina de Marx, Engels, Lenin e Stálin. Pleno de otimismo revolucionário, o dirigente máximo dos comunistas albaneses indica que "a tendência atual do desenvolvimento do mundo é a revolução e a vitória do socialismo" e que "a iniciativa histórica já passou definitivamente para as mãos da classe operária e dos povos. O caminho do desenvolvimento da sociedade humana de hoje é aberto e determinado pela revolução".

Os acontecimentos revelam que o movimento revolucionário se desenvolve em tôda parte, os partidos marxistas-leninistas avançam, ligam-se à massa, desmascaram os revisionistas contemporâneos. Por sua vez, o imperialismo norte-americano é golpeado, repudiado em todos os países e enfrenta séria crise nos terrenos econômico, político, ideológico e militar. Mas — afirmam com razão os albaneses —, não mudou o seu caráter. Continua sendo o principal inimigo dos povos, o sustentáculo de todos os regimes reacionários em todo o mundo, o artífice das guerras de agressão e o chefe da contra-revolução. Esta é a razão porque os comunistas albaneses, através do primeiro-secretário do Comitê Central do PTA, afirmam: "A luta contra esse inimigo feroz é o dever primordial de todas as fôrças revolucionárias de nossa época e, nesse confronto, não poderá haver nem período de calma, nem concessões, nem retiradas como pregam os revisionistas". Diz Hodja: "A atitude face ao imperialismo, em primeiro lugar diante do imperialismo norte-americano, constitui a pedra-de-toque para tôdas as fôrças políticas do mundo. Esta não é uma simples questão de tática, muito menos uma questão temporária de conjuntura. A atitude em relação ao imperialismo é uma questão de conteúdo, relacionada com a linha política, é uma medida para valorizar as a

Brilhante Vitória...(Continuação da pág. anterior)

ções práticas e, finalmente, uma linha de demarcação que separa os dois campos em luta, que separa os que defendem os interesses vitais dos povos e o futuro da Humanidade dos que lhes são contrários, os revolucionários dos reacionários e traidores." Hoje, mais do que nunca, a política de conciliação e de concessões aos imperialistas dos Estados Unidos só pode levar à vacilação e à capitulação as fôrças realmente revolucionárias. A reafirmação de sua correta posição em face do imperialismo feita pelos marxistas-leninistas da Albânia muito contribui para alertar todos aquêles que, em todos os Continentes, se batem contra a opressão e a exploração e pela vitória do socialismo.

Também o VI Congresso do PTA enfrentou corajosamente o problema do revisionismo contemporâneo. Os comunistas albaneses sempre estiveram na primeira linha da luta anti-revisionista. Deram destacadas contribuições para desmascarar os revisionistas e continuam firmes na grande batalha que opõe os marxistas-leninistas aos traidores da revolução. É indispensável prosseguir firmemente na luta contra o revisionismo contemporâneo, desmascarar todas as suas manobras. Os povos estão ameaçados pelo social-imperialismo soviético e contra ele precisam erguer-se. É certo que a União Soviética, como potência imperialista — e como tal deve ser tratada —, tem contradições com os demais imperialistas, notadamente com os norte-americanos. Mas seus interêsses coincidem na luta contra o movimento revolucionário e contra o socialismo. Esta é a base para a aliança cada vez mais estreita entre os social-imperialistas soviéticos e os imperialistas ianques. Daí ambas superpotências coordenarem seus planos em todos os terrenos. Uma necessita da outra para atingir seus fins contra-revolucionários e de dominação conjunta do mundo. A aliança soviético-norte-americana, como se assinala no Informe do Comitê Central do PTA ao VI Congresso, constitui a maior fôrça contra-revolucionária que se opõe à luta dos povos pela liberdade e o socialismo.

A prática vem demonstrando que é impossível lutar contra o imperialismo ianque sem combater, ao mesmo tempo, o social-imperialismo. Como afirma com justeza o camarada Enver Hodja, "não se pode buscar o apoio de um imperialismo para se opor ao outro". Unindo a teoria com a prática, os comunistas albaneses combatem nas duas frentes. E tal atitude reafirmaram no Congresso: "Consciente de sua alta responsabilidade diante do povo e do socialismo, nosso Partido jamais se deterá na metade do caminho. Lutará decididamente com tôdas as suas fôrças contra o imperialismo e o social-imperialismo até sua destruição definitiva e o triunfo da revolução mundial".

A Humanidade vive uma época histórica de agudas lutas de classe, época aberta pela Grande Revolução de Outubro dirigida por Lenin. A luta de classes se aprofunda em todos os seus aspectos, inclusive no campo ideológico. A traição do revisionismo, que trouxe vantagens temporárias ao capitalismo, impõe a necessidade imperiosa de se construir novas vanguardas proletárias, armadas com a doutrina marxista-leninista. Questões como a do papel dirigente da classe operária e de seu partido de vanguarda na revolução, a correta concepção do socialismo e o caminho da construção socialista, que só pode ser vitorioso tendo por base o marxismo-leninismo, foram amplamente debatidas no Congresso dos comunistas albaneses e são do interêsse de todo o movimento operário revolucionário internacional. O proletariado só pode assegurar sua hegemonia na revolução, inclusive na etapa nacional e democrática, se contar com seu partido de vanguarda. A revolução só poderá ser vitoriosa se contar com o apoio das massas e não como preconizam os partidários do "foquismo", que destacam o papel dos pequenos grupos armados desligados das massas. Combatendo aquêles que pensam poder criar artificialmente as condições objetivas para a revolução, o camarada Enver Hodja destaca: "A luta armada do grupo de revolucionários profissionais pode exercer influência no ímpeto das massas só quando se coordenar com outros objetivos políticos, sociais, psicológicos que determinam o surgimento da situação revolucionária e quando se apoia nas amplas massas do povo e goza de sua simpatia e apoio ativos."

As teses e conclusões do VI Congresso do Partido do Trabalho da Albânia têm grande importância e significação para o conjunto do movimento comunista. Reafirmando sua posição de princípios, os comunistas albaneses dão poderosa contribuição ao avanço da revolução em todos os países. Prestam seu apoio ativo ao movimento marxista-leninista, a todos os que lutam contra o imperialismo e o revisionismo, pelo triunfo da revolução e do socialismo. Por tudo isto, o Congresso do PTA constitui brilhante vitória do marxismo-leninismo.

O Partido Comunista do Brasil que, através de uma delegação, teve a honra de participar do VI Congresso do PTA, sente-se enormemente beneficiado com a realização da magna reunião dos comunistas albaneses. É com alegria que constata sua identidade de pontos-de-vista nas questões essenciais com o PTA. Estudando os documentos daquele Congresso, os comunistas brasileiros reforçam suas convicções revolucionárias e são estimulados em seu afã de aplicar de maneira criadora o marxismo-leninismo às condições concretas do Brasil, a levar a cabo, até as últimas consequências, sua linha política revolucionária.

GAÚCHOS ESCORRAÇAM MILITARES PREPOTENTES

Alegrete (Do correspondente) - O incontido ódio do povo gaúcho contra os militares explodiu no último dia 31 de dezembro quando oficiais do CPOR quiseram entrar à fôrça no Clube Caixeiral de Alegrete. Por mais de uma hora e meia os jovens presentes no clube travaram verdadeira batalha campal contra os arrogantes militares e os policiais e brigadianos enviados em sua ajuda. Mais de 200 pessoas se envolveram no conflito. Os jovens, ajudados pela população que lhes municiava das sacadas e janelas com garrafas, copos e outros objetos utilizados como projetis, infligiram baixas aos militares que utilizaram armas de fogo e cassetetes.

A luta só terminou com a intervenção violenta do Exército. Mas o clima de tensão e revolta continua na cidade. É o próprio comandante da guarnição militar que reconhece em nota publicada nos jornais do último dia 6/1. Ao mesmo tempo que anuncia a abertura de um IPM "para punir exemplarmente os que concorreram, incitaram ou participaram do generalizado tumulto", pede à população que contribua "para desarmar os espíritos" e evitar a repetição de acontecimentos que "possam empanar nossa exemplar vida comunitária".

Regindo à prepotência e à arrogância dos fardados, o povo de Alegrete expressou um sentimento de repulsa que cresce em todo o país contra os militares e que terminará pela luta generalizada contra os atuais detentores do Poder e pela instauração de um regime que assegure as liberdade públicas.

ESTUDANTES SEM VAGAS PARA ESTUDAR

É o próprio govêrno que reconhece: há apenas uma vaga para cada três candidatos à Universidade. Em alguns Estados, São Paulo por exemplo, a proporção é de mais de 5 por uma vaga. Ficarão sem poder estudar, no curso superior, êste ano, mais de 400.000 jovens que se prepararam durante longo tempo, gastaram seu dinheiro e, no final das contas, terão que esperar mais um ano ou mudar o rumo de suas atividades. Para os que conseguirem ingressar na Universidade, a situação não será melhor. O coronel Passarinho anunciou que 1972 será o ano do ensino superior, isto é, o governo vai aplicar, ou tentar fazê-lo, a reforma educacional segundo o modêlo do acordo MEC-USAID. Todos terão que pagar as taxas e anuidades e a confusão no ensino se generalizará mais ainda, a exemplo do que está ocorrendo na Universidade da Bahia, tomada como unidade pioneira para tal experiência.

Os estudantes também começam a protestar na Bahia, em Pernambuco, no Ceará e demais Estados nordestinos. Uma Comissão de estudantes do Rio Grande do Sul esteve no Ministério da Educação para exigir mais vagas para estudar e para protestar contra o aumento das taxas de inscrição e ausência de integração do curso secundário com o vestibular unificado. Estudantes cariocas, fluminenses, paulistas, etc., seguem esse exemplo, que se estende a todas as unidades da Federação. Os que querem estudar se levantam contra a política educacional da ditadura.

VIDA AMARGA DOS TRABALHADORES DO AÇÚCAR

Espalhafatosamente, o govêrno anuncia que a agro-indústria do açúcar obteve ótimos resultados no ano que findou. Teria aumentado grandemente a produção e, naturalmente os lucros dos usineiros. Mas, para os trabalhadores do açúcar, a vida tornou-se mais amarga. Sua situação é verdadeiramente dramática.

Segundo relatório do Hospital dos Trabalhadores na Indústria do Açúcar, de Pernambuco, aumentou o número de trabalhadores e de seus dependentes que buscaram assistência médica. Diz o balanço do hospital que no campo continua aumentando o índice de loucura provocada por excesso de trabalho. Aumentou, também, "o número de cirurgias para extração do baço, como consequência do agravamento do problema da esquistossomose."

"A tuberculose, em comparação com o ano passado, aumentou em 20,25%. A desnutrição infantil aumentou em 50%. No ano passado, foram atendidas 3.271 crianças. Êste ano o número aumentou para 6.340. O câncer, que em 1970 vitimou 2.530 pessoas, este ano atingiu mais de cinco mil".

Segundo o diretor do referido hospital, Dr. Mírcio Ferreira, várias são as causas de tal situação: "As usinas retêm os salários, às vezes em 50% do seu valor; pagam metade do 13º mês e não dão assistência médica aos empregados, como manda a lei". Mas a causa que está por detrás de tudo isso, segundo o médico, "é a crise que atinge a agroindústria açucareira de Pernambuco. Êste ano a situação agravou-se com a demissão em massa de operários, e sem a correspondente indenização".